

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA
OBSERVATÓRIO SOCIAL DO TRABALHO

A EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO NO BRASIL

(Trimestre móvel Agosto-Setembro-Outubro de 2016)

A desocupação mantém-se estável em outubro

Segundo os resultados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua Mensal, recentemente publicados pelo IBGE, referentes ao último trimestre móvel (agosto-setembro-outubro de 2016), foram contabilizados, no Brasil, 12,042 milhões de desocupados. Esse volume corresponde a uma taxa de desocupação de 11,8%.

Portanto, houve um pequeno aumento em termos absolutos da população desocupada em relação ao trimestre móvel anterior (julho-agosto-setembro de 2016), quando foram registrados 12,022 milhões de desocupados. Isto é, contabilizaram-se mais 20 mil desocupados, a taxa de desocupação mantendo-se estável, em 11,8%.

A desocupação cresce significativamente em relação ao ano anterior

Em comparação com o mesmo trimestre móvel do ano anterior (agosto-setembro-outubro de 2015), observa-se que houve um forte aumento da população desocupada, de 33,9%, sendo contabilizados 2,971 milhões de desocupados a mais. Naquele trimestre móvel de 2015, haviam 9,071 milhões de pessoas desocupadas. A taxa de desocupação, que era de 8,9%, cresceu, em termos absolutos, 2,9 pontos.

O comportamento da ocupação e da atividade em relação ao último trimestre móvel

Ainda segundo o IBGE, neste último trimestre móvel (agosto-setembro-outubro de 2016), encontravam-se ativos na força de trabalho 101,925 milhões de pessoas, das quais 89,883 milhões estavam ocupadas. No trimestre móvel imediatamente anterior, eram 101,857 milhões de pessoas ativas e 89,835 milhões de pessoas ocupadas. Houve, portanto, tanto um incremento da população ativa (+68.000 pessoas) como da população ocupada (+48.000 pessoas).

Logo, conclui-se que o aumento da população desocupada nesse período não se deu por conta do comportamento da ocupação que foi positivo. Deu-se em razão do aumento da força de trabalho ativa, em 68 mil pessoas. As ocupações criadas não absorveram o crescimento da população ativa, provocando um pequeno crescimento da população desocupada. Esse crescimento, porém, não alterou a participação relativa dos desocupados no conjunto da força de trabalho, o que fez com que a taxa de desocupação se mantivesse estável (11,8%).

Vale salientar, ainda, que o crescimento da população ativa se deu abaixo do crescimento da população em idade de trabalhar (pessoas de 14 anos ou mais), o que revela que a pressão demográfica é significativa, mas que poderia ser ainda maior. Parte da pressão demográfica, decorrente do crescimento vegetativo da população em idade de trabalhar (+0,09%), traduziu-se no crescimento um pouco maior da população que está fora da força de trabalho (+0,13%). A taxa de crescimento desta última ficou acima da taxa de crescimento tanto da população em idade de trabalhar (+0,09%) como da população ativa (+0,07%). É preciso sublinhar, contudo, que a taxa de atividade, isto é, a proporção de ativos no total da população em idade de trabalhar, manteve-se estável, em 61,2%.

O comportamento da ocupação e da atividade no último ano

Em comparação com o mesmo trimestre móvel (agosto-setembro-outubro) de 2015, quando foram registradas 101,356 milhões de pessoas ativas e 92,285 milhões de pessoas ocupadas, houve um

importante crescimento da população ativa (+569.000 pessoas) e uma brutal redução da população ocupada (-2,402 milhões de pessoas).

Logo, conclui-se que o forte aumento da população desocupada nesse período deveu-se, em grande parte, a essa combinação, sobretudo à redução da ocupação que caiu, em termos relativos, em 2,45%. Mas a entrada de novas pessoas na população ativa também teve sua importância, não sendo, porém, o fator determinante do enorme crescimento da desocupação.

Aliás, é preciso registrar que a taxa de crescimento da população ativa na força de trabalho (+0,78%) foi menor que o crescimento do total da população em idade de trabalhar, de 14 anos ou mais (+1,23%). Isso significa que boa parte do crescimento dessa última população se traduziu num crescimento mais acentuado da população que está fora da força de trabalho (+1,90%). Isto é, a taxa de desocupação poderia ser ainda maior se essa pressão demográfica se repetisse no incremento da força de trabalho. Nota-se que a taxa de atividade sofreu uma pequena redução no período, caindo de 61,6% para 61,2%. Enfim, o cenário de forte redução da ocupação também se traduziu em um aumento da inatividade.

Quadro 1 - Pessoas de 14 anos ou mais de idade, total, por condição em relação à força de trabalho e condição de ocupação, variação mensal e anual, absoluta e relativa, Brasil, trimestre base: agosto-setembro-outubro de 2016.

Condição em relação à força de trabalho e condição de ocupação	Trimestre Móvel			Var. mensal		Var. anual	
	ago-set-out 2015	jul-ago-set 2016	ago-set-out 2016	Abs.	Rel. (%)	Abs.	Rel. (%)
Total Pessoas de 14 anos ou mais	164.620.000	166.499.000	166.651.000	152.000	0,09	2.031.000	1,23
Força de trabalho	101.356.000	101.857.000	101.925.000	68.000	0,07	569.000	0,78
Taxa de atividade	61,6	61,2	61,2	0,0	0,00	-0,4	-0,33
Força de trabalho - ocupada	92.285.000	89.835.000	89.883.000	48.000	0,05	-2.402.000	-2,45
Força de trabalho - desocupada	9.071.000	12.022.000	12.042.000	20.000	0,17	2.971.000	33,89
Taxa de desocupação	8,9	11,8	11,8	0,0	0,00	2,9	32,58
Fora da força de trabalho	63.265.000	64.642.000	64.727.000	85.000	0,13	1.462.000	1,90

Fonte: PNAD Contínua Mensal, IBGE.